



**CORPO BRINCANTE:
MEMÓRIAS DE UMA
CONSTRUÇÃO
SOCIOFAMILIAR
DE APRENDIZAGEM**



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





SUMÁRIO

• Relato de Experiência.....	3
• Organização da roda e dos instrumentos.....	6
• Fé Rito Folia.....	7
• Aprendizagem sociofamiliar.....	9
• Corpo Brincante x Corpo Cotidiano.....	11
• Jogos da tradição.....	12
• Outros Jogos.....	14
• Cantigas e Versos - Samba.....	16
• Aspirações Pedagógicas.....	17
• Considerações finais.....	19
• Referencial teórico.....	20

RELATO DE EXPERIÊNCIA

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca.”

(Jorge Larrosa)

Todo este relato parte de um ponto de vista individual, sobre a experiência que transformou, tocou e atravessou a minha vida enquanto pesquisadora junto ao Terno de Reis Deus e as Águas, Terra, Céu e Mar, do mestre Agapito do bairro Alto Maron da cidade de Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia.

Guiada por minhas lembranças afetivas, revisito as memórias de infância onde sempre ouvia falar em Ternos de Reis, que essa tradição era muito forte no meu bairro e nos circunvizinhos. Lembro-me de ouvir sons de tambores algumas noites mas ainda sem conhecer de verdade e a tradição da folia. Aos passar dos anos os sons dos tambores ficaram cada vez mais distantes e raros, era a tradição dos festejos de Reis se perdendo diante da acelerada crescente do abandono das tradições pelos seguidores.

Apenas em 2018 que pude ter contato com o Mestre Agapito, quando o Grupo Olaria – que faço parte desde 2011 – iniciou o processo de pesquisa para a montagem do espetáculo “Festa na Fé”. Por intermédio do maestro João Omar, fui à casa do mestre e encontrei um homem alegre, com muitas histórias pra contar, um orgulho profundo de sua cultura e grande talento para versar as palavras dos Santos Reis. Naquele ano acompanhamos uma das noites de saída com o Terno de Reis Deus e as Águas, Terra, Mar e Céu, sem sabermos na época que seria a última saída do grupo de tantas décadas de tradição. Os olhos dos foliões brilhavam como se suas vidas tivessem mais sentido depois daquela festa.

No meu convívio com esta herança tradicional nordestina, sertaneja e interiorana, pude compreender que é ao assumir as múltiplas influências socio-familiares e culturais da tradição, razões de existência e resistência, que nos fortalece enquanto identidade e sujeito social, e impulsiona a valorização da cultura brasileira em sua diversidade.

O Terno de Reis é um brinquedo popular que entrelaça a tradição herdada, a oralidade, a fé, as danças, os cantos, os gestos, os ritmos de forma técnica e criativa. Assim o convívio sócio-familiar promove encontros com a sabedoria ancestral, a aprendizagem significativa e as experiências às crianças da comunidade.

O corpo como construção cultural é portador de emoções, sensibilidades, sentido ético-estético resultante das relações históricas, familiares e sociais. Estes sentidos movidos pelos ensinamentos dos mestres, definiram a forma de cada folião ser, pensar e movimentar-se.



Assim, o corpo brincante se sublima por meio de memórias ancestrais, com as ações corporais carregadas de significados, trazendo-as para o presente e ressignificando-as por meio da arte do movimento criativo.



Os mais velhos são por natureza os guardiões da memória e da sabedoria tradicional.

Infelizmente a manutenção dessa memória está correndo riscos de se perder, pois as novas gerações já não se envolvem com a tradição de Reis como seus antecessores. Os/as mestres/as estão encontrando o fim da vida terrena, a saúde e disposição física já não permitem que muitos foliões mantenham as suas saídas e as longas jornadas de cantadas nos lares dos devotos e, sem os jovens para firmarem a folia vívida, corremos o risco de deixar perder essas memórias.

Durante os dias de vivência com o Terno de Reis do mestre Agapito eu ouvi diversas vezes esse lamento vindo dos foliões mais velhos. De como seus filhos ou netos não se dispõem em aprender a tradição, a criar os instrumentos ou experimentar-se como brincante, pois as novas tecnologias ocuparam espaço e o tempo de interesse. Do mesmo modo encontram esperança ao poderem partilhar suas vivências com trabalhos de pesquisa como este. Esse processo mobiliza pesquisadores/as como eu e tantas outras a se debruçarem sobre essas figuras guardiãs e registrar seus ensinamentos, memórias e construções sociais.

Ouvi diversas histórias e narrativas saudosas ao vermos as fotos de tempos que não voltam.

Algumas dessas fotos estão no corpo do fichário e foram cedidas integralmente por seus responsáveis.



ORGANIZAÇÃO DA RODA E DOS INSTRUMENTOS



Pandeiro: Noélia; Caixa: Jodânio; Bumbo: Seu Arruda;
Caixa: Junior; Gaita: Jandinho

O Terno de Reis é composto por instrumentos feitos artesanalmente pelos próprios mestres e foliões do grupo. No Deus e as Águas, Terra, Mar e Céu os tambores e gaitas foram feitos pelo próprio Mestre Agapito. O Mestre sempre usa uma faixa sobre a camisa com o nome de seu grupo

Os foliões se organizam em roda na seguinte ordem: Bumbo no meio entre as duas caixas, à esquerda ficam os gaiteiros e os cantadores; à direita pandeiro, querré-quexé e demais percussões.

A banda é composta em média por oito pessoas, mais o Santo.

FÉ RITO FOLIA

“Luz acesa e porta aberta!”

Na folia do Terno de Reis a arte e a religião existem numa linha tênue de separação, de forma que estas duas linguagens se realimentam, os elementos que compõem as músicas, as danças e os comportamentos são as representações que fazem parte do modo de viver dessas pessoas. Seja por promessa ou devoção ao Menino Jesus, os foliões de Reis se dedicam ao aprender e ensinar, à manutenção do sagrado e ao envolvimento com a tradição desde muito novos. É a aprendizagem que gera sentido à tradição.





O rito inicia na casa onde os foliões se encontram desde a preparação. Vestir as roupas, aquecer os tambores no fogo para afinar, reparar os chapéus... Tudo faz parte do universo simbólico da tradição dos Ternos de Reis.

Durante o cortejo vai à frente o folião que carrega o Santo e os demais seguem no encalço. Ao chegarem na primeira casa – ainda com as portas fechadas – o grupo toca o “Reis de Chegada”. Nessa música está o pedido de licença para o reisado entrar.

O segundo momento – já dentro da casa – é o “Reis de Presépio”. Nessa canção estão presentes os elementos da história do nascimento do Menino Jesus, bem como os votos de fé e sua trajetória de vida e milagres.


O terceiro momento é o “Samba”. Feito em roda na sala ou terreiro da casa, esse é o momento mais profano da festa, onde as cantigas e versos não estão ligados diretamente à fé cristã, mas sim canta os universos do sertanejo.

APRENDIZAGEM SOCIOFAMILIAR

“Deus lhe dê alegre noite, alegremente cantando...”

Nos encontros de vivência e entrevistas que realizei com os guardiões da memória dos festejos de Reis, pude notar a presente valorização do fator familiar como principal viés da aprendizagem. As crianças acompanham seus pais e mais velhos nos ensaios, nas brincadeiras, nos momentos sagrados de rezas e pagas de promessas e aprendem pelo exemplo e convívio. Dessa forma a aprendizagem pela oralidade e pela prática que geram o sentido da tradição.

“Ninguém me ensinou, não! Eu e meus primos, a gente pegada os balde de lata pra batucar na hora que os mais velhos tavam lá tocando. Nois pegava as lata pra bater no quintal, querendo imitar eles... Com meu fio também foi assim, ele tinha interesse e queria tocar. Eu num fui lá mandar ele tocar nada não! Aí ele mesmo pegou a lata de óleo pra fazer o querré-quexé dele vim pra tocar com nois.”
– Transcrição das falas de entrevista com Seu Arruda.




Vamos considerar aqui a aprendizagem sociofamiliar e o educar em relação aos espaços de convivência e de trocas de experiências familiares, como procedimento cultural coletivo. As relações que se estabelecem em comunidade familiar e social são os moldes para as crianças se identificarem com aquelas expressões de conteúdo cultural. Pautados na pluralidade e diversidade dos corpos, da vida real e do cotidiano, o corpo brincante se manifesta na troca de saberes, toda vez que brincada o Terno de Reis. Em conversa com José Augusto (Zequinha), sobrinho do mestre Agapito, ele fez a seguinte fala:

“O Terno de Reis, ele de alguma forma moldou meu caráter, porque eu convivi aquilo ali desde sempre. Não era uma coisa que acontecia na minha casa somente no final de ano...”

Quando ouvimos nas entrevistas de Seu Arruda ele narrar momentos em que seu filho começou a brincar, podemos compreender quando Alves (2003, p. 85) nos diz que “o corpo é a representação do sujeito no mundo e que a corporeidade se faz existir por meio de relações com outros corpos”, é na convivência que a aprendizagem significativa se desenvolve.

Na tradição oral não há uma padronização ou sistematização pré-estabelecida para haver aprendizagem. Cada mestre faz e ensina ao seu tempo e modo, assim consideremos que o corpo é a representação física do brincante individual no coletivo da brincadeira popular. O cotidiano do Terno de Reis Deus e as Águas, Terra, Mar e Céu vivenciou a tradição oral por anos, a aprendizagem da música, da dança, da poesia, do artesanato e da fé, ensinando com a sensibilidade do viver a sabedoria tradicional.



CORPO BRINCANTE X CORPO COTIDIANO

Nos Ternos de Reis, assim como nas tradições populares, o aspecto corporal não cotidiano que vem à tona. O corpo brincante é o modo de expressividade de cada folião, não pode ser ensinado e nem catalogado como padrão comportamental. Este estado se difere do corpo usual, formal, cotidiano pois expressa a alegria e a espontaneidade que a brincadeira requer. O corpo é o canal que inscreve e interpreta a brincadeira, é o significado da criação, da memória e do vínculo com a tradição. É na realidade o modo como cada folião expressa sua vivência. Como explica a Inaicyrá Falcão (2010, p. 3):

“Em cada experiência, além da vivência física, filosófica e criativa o intérprete reflete sobre a mesma e percebe-se corporalmente no processo, incorpora o que for importante para o seu trabalho. Quanto maior a consciência aliada às vivências, melhores serão as possibilidades criativas e expressivas”.



JOGOS DA TRADIÇÃO

- **TROCADINHA:**

O som da gaita chama a brincadeira com um toque específico previamente estabelecido entre os foliões. Deve-se ter um número par de brincantes na roda para formar duplas da brincadeira. A cada toque da gaita o folião gira em torno de sua dupla (brincante ao lado) e troca de lugar, até que todos passem por duplas diferentes e retornem ao lugar inicial.

JOGADORES: Coro de brincantes/foliões

- **CORRIPIO:**

Movimento é marcado no toque do pé com pé com a dupla inicial, depois com a pessoa do outro lado. Esse jogo é o mais complicado e deve-se ter muita atenção no movimento, pois os pés são diferentes. O brincante da direita bate o pé direito no pé esquerdo do brincante a sua esquerda, em seguida o pé oposto (esquerdo) bate com o pé do brincante do outro lado. A cada batida de pés os brincantes seguem para a direção oposta a sua dupla.

Assim metade da roda gira para direita e a outra metade para a esquerda. A cada nova batida, deve trocar o pé. As duplas são organizadas a partir dos gaiteiros, que devem seguir para lados opostos, e dos caixeiros que seguem para o lado oposto ao bumbo.

JOGADORES: Coro de brincantes/foliões em número par.

- **SAMBA DE DENTRO:**

Momento solo livre onde cada folião brincante vai ao centro da roda para dançar livremente. Nesse momento a intenção é mostrar o melhor que pode fazer, com movimentações complicadas e mantendo o andamento da música. O bumbeiro encontra fama e admiração a partir de sua performance nesse momento. Acontecem movimentos que exploram o equilíbrio, níveis e criatividade dos brincantes.

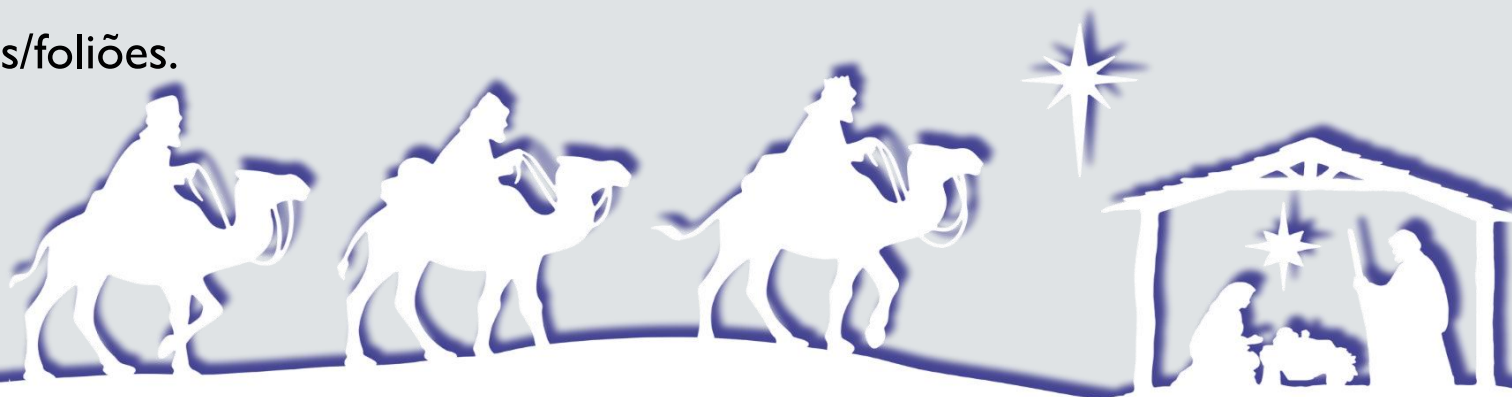
Nesse momento os brincantes podem ser desafiados a pegarem dinheiro jogado no chão pelos convidados que assistem a folia.

JOGADORES: Coro de brincantes/foliões.

- **PREÁ CORREDEIRA:**

Iniciado pela cantador que puxa o grito “Preá corredeira!” e seguido pela resposta do coro “Corre, Preá!”. O ritmo começa a acelerar e os foliões correm pelo espaço seguindo na fila pelo primeiro que puxar a corrida. O folião responsável pelas palavras cria versos de improviso entre uma resposta e outra para aumentar o nível de dificuldade e explorar seu potencial criativo.

JOGADORES: | Cantador; Coro de brincantes/foliões.



OUTROS JOGOS

- **CORPO INSTRUMENTO**

Na ausência de instrumentos para muitos tocarem, este jogo visa a criatividade e o sentir musical. Cada brincante escolhe um instrumento para tocar com todo o corpo. Deve-se imaginar o movimento real de tocar um instrumento, por exemplo mexer os dedos próximo ao rosto mimetizando a gaita. Após instantes de experimentação, esses gestos devem crescer gradualmente até proporcionar movimentos amplos de dança não mais restrito à reprodução do instrumento.

JOGADORES: 1 Guia; Coro de brincantes/foliões.



- **CAMINHADA COTIDIANO x BRINCANTE**

Ao som dos tambores e gaitas do Terno de Reis, propõe-se uma caminhada guiada. Deve iniciar uma caminhada “comum”, o que se chama corpo cotidiano, a tempo de escola do guia da brincadeira, os brincantes caminham de maneira “desconstruída e vibrante”, o que se chama corpo brincante. O objetivo é experimentar diversas formas de expressar a brincadeira popular.

JOGADORES: 1 Guia; Coro de brincantes.

- **SAMBADA DE RODA**

Ao som dos sambas cantados nos festejos de Reis, é feita uma roda de brincantes. Todos devem andar no mesmo sentido dentro da roda, dançando com pequenos saltos e giros individuais. Cabe balançar livremente os braços e as pernas, seguindo a música tocada.

JOGADORES: Coro de brincantes/foliões.

- **COBRA-PREÁ**

Esse jogo é uma compilação entre o jogo corográfico “Cobra Coral” e o jogo “Preá Corredera”.

Os brincantes se organizam numa fila, de modo que a primeira pessoa será a cacique da rodada. O cacique propõe quais movimentos realizar ao som do Terno de Reis. O objetivo é que o coro repita os movimentos do cacique guia. Deve haver troca de caciques, podendo a pessoa sair do jogo para o final da fila ou qualquer brincante do coro tomar a frente da fila.

JOGADORES: 1 Guia; Coro de brincantes/foliões.

- **CANTO-RESPOSTA**

Esse é um jogo que visa trabalho em grupo, atenção e repetição. Um brincante canta o verso e o coro responde. Algumas vezes será a repetição exata do verso e em outras cantigas o verso de chamada é diferente do verso de resposta.

JOGADORES: 1 Guia; Coro de brincantes/foliões.

CANTIGAS E VERSOS - SAMBA

Do lado de lá tem laranja
Do lado de cá laranjeira
Do lado de lá moça samba
Do lado de cá sambadeira

Ôh mãe,
Dá de comer meu canário
Meu canário é cantador
Dá de comer meu canário

Voa meu canário, voa meu canário
Da varanda pro terreiro
Ainda vou fazer meu ninho,
ainda vou fazer meu ninho
Nos cachos do teu cabelo, oiá

Moça bonita, pra onde você vai?
Eu vou pra Cana Verde, pra fazenda do meu pai
Ôh moça bonita, pra onde você vai?

Virou, virou, virou meu bem
Virou, virou, virou meu bem
Caminhão tá carregado
Vou falar pro delegado
Virou, não matou ninguém

Tira a canga do boi carreiro
Carreiro carreador
Tira a canga do boi carreiro
Carreiro eu também sou

ASPIRAÇÕES PEDAGÓGICAS

Nas possibilidades de expressão, de crescer aprendendo de maneira constante, democrática e familiar, deve-se revelar na criança a potência da liberdade de escolha e da segurança na afinidade pela cultura. Essa segurança que expressa a firmeza com que brinca.

Aprender pelo conviver é formar sujeitos generosos que reverberam o desejo de multiplicar os saberes de seus mais velhos, que se movem como educadores porque primeiro se movem como gente folião de Terno de Reis. A prática educativa sócio-familiar requer a responsabilidade de assumir uma posição no mundo.

A autonomia vai se constituindo nas experiências vividas a cada ano de reisado. Nesse ponto que decidirá ao longo da vida, com que firmeza respeitará as liberdades e com que aceita a si como sujeito ativo e integral do folgado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Membros do Terno de Reis Deus e as Águas, Terra, Mar e Céu em noite de folia.

Ôh mãe, o galo já cantou

Ôh mãe, é hora d'eu viajar

Ôh mãe, peguei na mão da morena

Ôh mãe, morena pegou chorar

Durante o contato de vivência e entrevistas com os foliões do Terno de Reis pude compreender a importância do convívio familiar para a formação de sujeitos responsáveis com a cultura tradicional. O respeito à tradição e o aprendizado significativo moldaram comportamentos sociais demonstrando a relevância das brincadeiras e vivências culturais para o desenvolvimento das novas gerações.

REFERENCIAL TEÓRICO

- ALVES, Teodora de Araújo. **HERDANÇAS DE CORPOS BRINCANTES: os saberes da coporeidade/africanidade em danças afro-brasileiras.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Educação. Natal – RN. 2003.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação N° 19, p. 20 a 28. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002
- SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: Resignificação simbólica na criação artística.** In Criatividade Âmago das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado/ Juana E. dos Santos organizadora. - Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil/SECNEB, 2010.



Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

